
Editorial

Percepta completa seu 9º volume dedicando atenção especial à transdisciplinaridade que tanto caracteriza a pesquisa em Cognição Musical. Em *O pensamento transdisciplinar no cenário musical*, Sonia Regina Albano de Lima discute em que medida o pensamento transdisciplinar se faz presente na produção de conhecimento em música. O debate provocado pelo artigo destaca a ênfase da transdisciplinaridade tanto nas subáreas artísticas da composição e da performance musical quanto nas subáreas musicológicas suportadas pela educação, pela filosofia, pela história, pela antropologia, pela sociologia, pela acústica, pela matemática e, é claro, pela psicologia e as neurociências. Para a autora, os três pilares da transdisciplinaridade encontram-se reverberados na prática e na pesquisa musicais, seja na manifestação musical de diferentes níveis de realidade, seja na inclusão de um léxico musical que manifesta o terceiro incluído, seja na complexidade que abarca a linguisticidade musical.

Rogério Fagundes, Jeniffer Ferreira-Costa, Thais da Silva-Ferreira, Daniel Bartholomeu, Gisele Garcia Zanca e José Maria Montiel abordam em seu *Benefícios da musicalização para pessoas idosas: potencialidades do canto coral* o processo de envelhecimento humano, que acarreta declínio nos domínios da comunicação e da socialização. O artigo então enfoca os benefícios de práticas de musicalização para pessoas idosas, com ênfase nos aspectos cognitivos e psicossociais. Para os autores o uso da música como instrumento de intervenção pode oferecer contribuições efetivas dirigidas a aspectos comumente comprometidos pelo envelhecimento. Dentre esses aspectos, destacam-se especialmente as estruturas da comunicação, como a fala e a audição, e o artigo discute como a prática de canto coral pode favorecer a intensificação da ativação dessas estruturas, por proporcionar um contexto rico em novas experiências de aprendizagem.

Em *Origem e consolidação do pianismo* Midori Maeshiro enfoca a emergência de uma prática musical seminal na música do Ocidente, provocada pela criação e pelo desenvolvimento do piano e de seu repertório solo. Este instrumento, que impulsionou o advento do estilo homofônico no Classicismo europeu, também proporcionou o desenvolvimento e consolidação de práticas texturais que permanecem essenciais na música dos nossos dias. O artigo discute detalhadamente como os músicos, desde então, se esforçaram para distinguir em suas performances os componentes texturais e como as novas exigências passaram a exigir dos *performers* o aproveitamento de uma carga cognitiva cada vez mais severa e compatível com a complexidade dos novos recursos expressivos. Para a autora, a pedagogia contemporânea do piano deve repensar seus programas de aquisição de competências, concebendo-as numa perspectiva cognitiva e sensório-motora. Ela defende que a adoção de “ferramentas científicas” da cognição musical pode representar uma contribuição seminal para um novo sistema pedagógico do instrumento.

Daniel Oliveira Creste, Éder Costa Muchiutti e Felipe Viegas Rodrigues partem da premissa de que propriedades da música podem modular o humor e melhorar o desempenho das habilidades visuoespaciais, e enfocam, especialmente, as dissonâncias para afirmar que *Dissonância não influenciam as habilidades visuoespaciais ou as emoções de universitários saudáveis*. Para investigar a hipótese realizaram experimentos com 25 universitários saudáveis, divididos em Grupo Controle (n=10), Grupo Consonância (n=8) e Grupo Dissonância (n=7), com pouco contato musical prévio. Os participantes fizeram testes visuoespaciais antes e após o período de audição proposto, além de serem avaliados pelo OASIS, que identifica experiências emocionais. Os resultados mostraram ausência de efeitos provocados por dissonâncias musicais, tanto com respeito às emoções quanto às habilidades visuoespaciais. Segundo os autores, os resultados sugerem que o tempo e o modo da música, além da própria melodia, são os únicos fatores conhecidos capazes de modular o desempenho visuoespacial.

Preferência de percepção tonal em crianças com ou sem educação musical formal é a contribuição de Beatriz Quirino Marquetti, Éder Costa Muchiutti e Felipe Viegas Rodrigues, que conclui esta edição. Segundo ressaltam os autores, dentre as funções mentais recrutadas pela música, o processamento de timbre é possivelmente um dos mais interessantes, pois explicita a constância perceptiva que permite ao ouvinte um reconhecimento natural de regularidades no ambiente. A pesquisa desenvolvida dedicou-se à observação da percepção musical de crianças com educação formal em música e a prevalência de ouvintes “sintéticos” e “analíticos” com base na percepção diferencial de tons complexos. Participaram dos experimentos 30 crianças entre 10 e 15 anos de idade, submetidas à escuta de 48 pares de eventos tônicos. As crianças deveriam julgar se o segundo evento sonoro do par seria ascendente ou descendente. A partir dos dados coletados, os autores calcularam o que denominaram “índice de preferência de percepção tonal”. Os resultados mostraram que o grupo de crianças musicalizadas e o grupo controle apresentaram resultados aproximados. Diante deste quadro, os autores desenvolvem diversos cotejos com investigações afins e apontam para a necessidade de novas pesquisas para a com-

preensão da variabilidade relacionada à preferência de percepção tonal e os efeitos provocados pelo treino musical nessa particularidade funcional.

Em nome da diretoria da Associação Brasileira de Cognição e Artes Musicais, ABCM, aproveito para reiterar nossos agradecimentos aos membros do conselho editorial de *Percepta* e aos pareceristas *ad hoc*, cujas contribuições têm sido essenciais para a consolidação da Revista, nesses quase 10 anos de existência, e para que continuemos a manter a qualidade desejada.

Boa leitura a toda(o)s!

Marcos Nogueira
Diretor Editorial 2020-2023